

A Representação Cultural das Novas Configurações Familiares: Uma análise da telenovela *Amor à Vida* (2013) ¹

Alexandre Rodrigues LUCAS²

Paula Regina PUHL³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

O artigo se propõe a discutir e refletir sobre as representações das novas configurações familiares na telenovela, assim como tratar da questão da identidade homossexual como fator de mudança de padrões homossexuais. Como objeto de estudo foi escolhida a telenovela *Amor à Vida* (2013) da Rede Globo de Televisão. Através da Análise de Conteúdo proposta por Bardin, do personagem Félix, percebe-se como a sua orientação sexual influenciou a formação de uma nova configuração familiar. A telenovela contribui para discutir as diversas formas das relações familiares, referenciando as mudanças dos padrões sociais e familiares da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: telenovela; homossexualidade; identidade cultural; família;

A construção da identidade

Ao afirmar a identidade, são estabelecidas fronteiras: é feita uma seleção de elementos constitutivos que ficam dentro ou fora, de acordo com o autor Tomaz Tadeu da Silva (2000). Assim como a definição de identidade depende da diferença, a definição de normal depende da definição do anormal. Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do ‘dentro’.

Conforme Silva (2000), a identidade e diferença não podem ser adquiridas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentidos. O mais importante, na discussão proposta pelo autor, é identificar as oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Nelas, um dos termos é sempre privilegiado. Assim, questionar a identidade significa problematizar esses binarismos.

Na teoria cultural contemporânea, identidade e diferença estão intimamente ligadas a sistemas de representação. Em princípio, a ideia de representação está ligada à busca de

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado pelo Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e-mail: alexanderodrigueslucas@gmail.com

³ Professora da Famecos/PUCRS. Mestre e Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Pertence ao grupo GIPTELE – Grupo interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo.

maneiras apropriadas de tornar o ‘real’ presente. Assim, tem duas dimensões: a representação externa e a interna (representação do ‘real’ da mente), segundo Silva (2000).

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: um tende a fixar e a estabilizar a identidade, o outro tende a subvertê-la e a desestabilizá-la. A tendência da identidade está na fixação. No entanto, para Silva (2000), mais interessantes são os movimentos que conspiram para subverter a identidade:

A possibilidade de ‘cruzar fronteiras’ e de ‘estar na fronteira’, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter ‘artificialmente’ imposto das identidades fixas. O ‘cruzamento de fronteiras’ e o cultivo propositado de identidade ambígua é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade. A evidente artificialidade da identidade das pessoas travestidas e das que se apresentam como drag queens, por exemplo, denuncia a – menos evidente – artificialidade de todas as identidades (SILVA, 2000, p. 86).

Segundo Silva (2000), a identidade e a diferença estão ligadas à atribuição de sentido ao mundo social, com disputa e luta em torno dessa atribuição. A identidade não é uma essência, um dado, um fato, não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente, homogênea, definida, acabada, idêntica ou transcendental. Acaba sendo uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo, instável, inacabado, fragmentado ou inconsistente. Está ligada a estruturas discursivas e narrativas, a sistemas de representação, tendo estreitas conexões com relações de poder.

Sabemos que as identidades são mediadas e construídas diariamente por meio das relações pessoais. Com base nessa realidade e nos avanços das teorias sociais e humanas, o autor Stuart Hall (2006) entrelaça considerações sobre o sujeito pós-moderno (ou contemporâneo) e as identidades que ele porta consigo. O teórico distingue três concepções de identidade em três eras: o sujeito do Iluminismo; o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

Para Hall (2006), o sujeito do Iluminismo estava baseado no entendimento do ser humano como um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e ação. Autossuficiente, este indivíduo se conservava contínuo ao longo de sua existência. O sujeito sociológico, segundo Hall (2006), refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que ele não era autônomo, mas, sim, formado pela relação com outras pessoas, que mediavam para este sujeito noções culturais do mundo em que viviam. Assim, a identidade era a interação entre o eu e a sociedade: “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas esse é formado e modificado num

diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11).

O sujeito pós-moderno de Hall é fragmentado, composto não de uma, mas de várias identidades que podem ser contraditórias e não resolvidas.

Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 12).

A teoria social tem debatido nas últimas décadas a questão da Identidade Cultural. Um dos autores que trabalhou com essa temática foi Stuart Hall. Em seu livro a Identidade Cultural na pós-modernidade, há uma crise das estruturas tradicionais dessas velhas identidades tanto no sujeito quanto na coletividade e suas composições sociais, culturais, nações e outros envolvimento sociais. O tempo em que estamos vivendo estaria marcado pela fragmentação, descentralização e deslocamento das identidades: “Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.” (Hall, 2006, p. 9).

As Ciências Humanas e Sociais, ao simplificarem as questões de identidade social, substituem o conceito de ‘raça’ entendido como ‘identidade biológica’ por ‘etnia’ conceituado à ‘identidade sociocultural’. Seguindo este raciocínio, seriam abolidos o racismo e o preconceito. Em outra interpretação, recusaríamos o conhecimento de ‘raça pura’, este último ganhando contornos como uma ‘cultura pura’ ou uma ‘identidade cultural’ pura e unitária. A concepção pós-moderna de identidade rejeita o entendimento de uma unidade identitária do sujeito ou da sociedade. Elementos como a crise dos princípios, tradições e projetos da ‘modernidade’ e dos valores modernos, baseados na razão, no progresso ininterrupto nos padrões utópicos de cultura, sociedade e sujeito. O próprio conceito com o qual estamos lidando, ‘identidade’, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. (Hall, 2006, p. 8).

Já a globalização tende à homogeneização cultural, de uns anos para cá, no próprio conflito entre a resistência das ‘identidades nacionais’ frente à hegemonia global. Em decorrência dessas ‘ordens’ ou ‘sistema’, ocorre à formação das denominadas ‘identidades híbridas’, desinente da interconexão entre povos, grupos sociais e sujeitos/indivíduos.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentado nas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (Hall, 2006, p. 9).

Existem diversos fatores que envolvem a formação de identidades, como a própria diferença entre os diversos tipos de identidade. A primeira das identidades é a de gênero homem ou mulher, pois as pessoas já rotulam as outras no momento em que nascem. Portanto poderíamos dizer que os diferentes tipos de identidade são produto da construção da sociedade e da história onde se mantém a relação de poder.

Diante do mundo Globalizado e das mudanças provenientes desse processo, o conceito de família, segundo a autora Heloisa Szymanski (2006), vem se modificando ao longo da história, influenciada pelo contexto social, econômico, cultural, político e religioso. Para a autora, as configurações familiares tradicionais vêm se alterando e modificando a cada dia, bem como a multiplicidade dessas novas configurações permite uma livre afetividade que até então estava ligada, durante séculos, as exigências da sociedade.

O contexto familiar, atualmente, mostra uma variedade de formas de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de soluções para as dificuldades que cada indivíduo tem em sua vida, conforme Szymanski (2006). Com as provenientes mudanças nas relações familiares, modificada, durante anos na sociedade, é possível observar uma evolução das estruturas familiares, onde seus personagens não estão ligadas a imagens preestabelecidas e sim, a uma re-criação da vida familiar e a inversão de papéis sociais.

Além de possuir funções específicas, a família também possui papéis familiares que possuem grande importância para constituição de laços sociais. Szymanski (2006, p. 29) acrescenta “Esses dois elementos produzem significados reais à vida em sociedade, cada um contribui para a construção do ambiente familiar próprio, mas em conjunto com os outros grupos sociais criam uma relação harmônica no meio social”.

A autora Jane Flax no capítulo — Pós-modernismo e relações de Gênero na teoria feminina que pertence ao livro — *Tendências e Impasses: o feminino como crítica da cultura*”, da autora Heloísa Buarque de Holanda, fala da importância das pesquisas de gênero, as quais tem fortalecido a construção de novas bases teóricas para análise da sociedade. Segundo a autora, a diversidade das teorias dialoga com uma sociedade em

transformação que não pode estar enraizada somente aos conceitos universais de cultura. A preocupação de gênero passa a investigar novas construções sociais, advindas desse processo de transformação atual da sociedade, inseridas em contextos culturais, testando o que se aproxima e o que se distancia do discurso legitimado por uma identidade.

A identidade de gênero⁴ se refere à categoria em que a pessoa se identifica (como sendo um homem ou uma mulher ou se ela vê a si mesmo como fora do convencional), como enfatiza a autora e antropóloga Mirian Pillar Grossi (2010). De acordo com a pesquisadora, pode também ser usado para referir-se ao gênero que certa pessoa atribui ao indivíduo tendo como base o que tal pessoa reconhece como indicações de papel social de gênero (roupas, corte de cabelo, comportamentos, etc). A autora destaca que, diferentemente dos papéis sociais de gênero, que não são biologicamente determinados, mas sim construtos culturais e históricos, a identidade de gênero — remete à constituição do sentimento individual de identidade.

Ainda de acordo com Grossi (2010), os papéis se modificam de acordo com cada cultura e pode mudar novamente dentro dessa mesma cultura. A partir dessas considerações, as características que estabelecem os comportamentos classificados como "típicos" ou "naturais" de mulheres e homens constituem os chamados papéis sociais de gênero. A antropóloga corrobora que as identidades de gênero possuem um campo complexo, uma vez que determinado gênero é mutável, estando em um processo de construção social, distinguindo identidade de gênero de práticas afetivo sexuais, porque a sexualidade conforme Grossi (2010, p. 12) “É apenas uma das variáveis que configura a identidade de gênero em concomitância com os papéis de gênero e o significado social da reprodução”.

Uma das concepções envolvendo gênero é a de que homens com traços ou gestos considerados femininos são necessariamente gays, ou que mulheres que vestem roupas largas são lésbicas, conforme a autora. A identidade de gênero pode remeter ao sentimento individual de identidade, permitindo pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura e que, nem sempre, pode corresponder ao sexo biológico. Para Grossi (2010) a nossa identidade de gênero se constrói ainda no útero, quando há a rotulação do bebê como

⁴ Por “gênero”, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. (SCOTT, 1998, p. 15).

menina ou menino. A identidade de gênero passaria então a ser composta pelos papéis de gênero, pela sexualidade e pelo significado social da reprodução.

Homens e mulheres, às vezes, não vivem confortavelmente a sua identidade de gênero, permanecendo “dentro do armário” (gíria utilizada no Brasil para definir quem não assume a homossexualidade), pois o fato desse sujeito assumir a sua identidade homossexual acarretaria problemas na vivência de suas outras identidades, na sua vida em sociedade, como explica a autora Kathryn Woodward.

A diferença pode ser construída negativamente por meio da exclusão ou da marginalização [...]. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença (afirmando, por exemplo, que “sou feliz em ser gay”). (Woodward, 2000, p, 50).

Assumindo ou não a sexualidade, o indivíduo vive um processo de auto reconhecimento e procura vivenciar com o outro suas angústias e suas identidades, através de um processo de identificação com o outro, e no qual ele procura ser visto, ser “encontrado” pelo semelhante, tendo como estratégia o uso do campo simbólico característico dessa determinada identidade, como explicita Kathryn Woodward (2000) ao afirmar que “existe, assim, um contínuo processo de identificação, no qual buscamos criar alguma compreensão sobre nós próprios por meio de campos simbólicos e nos identificar com as formas pelas quais somos vistos por outros”.

O papel social da telenovela

As telenovelas nasceram no século XIX, com o surgimento dos folhetins, que inicialmente atingiam uma exclusiva parcela da sociedade, conforme o autor Renato Ortiz (1991, p. 91). “O folhetim nada mais é do que o teatro móvel que vai buscar o espectador, em vez de esperá-lo”. O público acompanha a evolução dos personagens e tramas pela representação visual de um texto escrito especialmente para o formato apresentado em capítulos diários através de uma emissora de televisão. No que se refere à telenovela, a autora Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2009) a classifica como formato de ficção televisiva, com surgimento em 1963. Pode ser definida, segundo a autora, como uma narrativa ficcional de serialidade longa, exibida diariamente e que termina por volta de 200 capítulos, ou seja, é veiculada seis dias na semana e tem uma duração média de oito meses.

As telenovelas possuem um papel social na vida dos brasileiros, contribuindo e abordando temas de relevância para a sociedade. Segundo a autora Maria Ataíde Malcher (2010), a teledramaturgia está presente em toda a história da televisão, sendo um dos principais produtos de sua concepção. O que aproxima a obra ficcional do público que assiste são as nuances realistas abordadas nas histórias, como afirma a autora Roberta Manuela Barros Andrade (2010). Quase a totalidade dos milhões de telespectadores que assistem telenovela diariamente, vive ou já viveram as situações apresentadas.

Por ter adquirido este posto de importância, a telenovela adquiriu uma função social de formar e informar às pessoas sobre os mais diversos assuntos que permeiam a realidade da sociedade brasileira, como: violência sexual e doméstica, feminismo, alcoolismo, homossexualismo. Para a autora Esther Hamburger (2006), a audiência ao tomar partido de um personagem em detrimento de outro, está também se posicionando em relação à interpretação de seus próprios dramas. As novelas podem ser compreendidas como um imenso repertório de histórias, personagens, comportamento de domínio comum aos brasileiros. Conforme Hamburger (2006, p. 151) “Os telespectadores frequentemente se posicionam em relação a temas polêmicos que ecoam seus dramas privados”.

O tema homossexualidade é assunto social muito presente nas telenovelas dos últimos vinte anos. A proposta de estudar a homoafetividade na mídia considera a importância da mesma como um espaço de tensão onde acontecem os debates sociais, em nível simbólico, segundo o autor Douglas Kellner (2001). A televisão teve e têm personagens homossexuais nos mais diversos programas de humor, auditório, e em suas telenovelas, objeto de estudo deste artigo. Geralmente, esses personagens vinham ou vêm sendo retratados de forma estereotipada, caricaturada em diversos formatos existentes na televisão.

Na década de 1960, quando a Rede Globo inicia a sua produção de obras ficcionais, segundo o autor Mauro Alencar (2004) com a saída da principal autora da emissora, na época, Glória Magadan, o desafio da TV Globo e dos novos autores foi tentar modernizar o gênero. Os escritores brasileiros ofereceram novos elementos para a estrutura da trama, propondo discussões pautadas no cotidiano do povo brasileiro, de acordo com o autor.

A telenovela usa mecanismos mais naturalistas, aproxima-se do cotidiano do telespectador, e dessa forma estimula a intensidade e identificação do público com o que acontece no enredo desenvolvido. Alencar (2004, p. 92) questiona: “Será mesmo mera coincidência qualquer semelhança com fatos e pessoas de verdade?”. A telenovela pretende

estabelecer o contato do consumo, padrões de vida de todas as classes sociais e temas de cunho social. Alencar (2004, p. 92) reitera: “Seja pela transmissão de padrões sociais construtivos, seja pelo incentivo ao consumo de produtos, ideias e hábitos, cada vez mais a novela mobiliza a opinião pública. E é por ela movida”. Em boa parte das novelas, há representações de alguns perfis do povo brasileiro, como: a empregada doméstica, a patroa, a adolescente rebelde, a mulher ou homem solteiro (a), o (a) empresário (a), o profissional liberal, o artista, o homossexual, o desempregado, entre outros.

O desafio do autor da telenovela brasileira foi conseguir modernizar o gênero. Os autores brasileiros tiveram a oportunidade de ousar, produzindo elementos novos para a estrutura da trama e propondo discussões pautadas nas realidades vividas pelo povo brasileiro. Como reitera Lopes (2003), é comum a identificação entre personagens da ficção e figuras públicas reais. Para a autora, as tramas reproduzem os problemas reais e contém a tendência para uma maior verossimilhança nas histórias contadas – esta, aliás, é uma demanda forte do próprio público.

A telenovela pode ser considerada um produto da sociedade na qual ela mesma está inserida. A representação na telenovela pode ir revelando como esta sociedade se organiza, quais são seus valores e quais são os seus costumes. Sobre essa perspectiva, Lopes (2003) acrescenta a corrupção política, o racismo, as minorias, entre outras são alguns exemplos dessa vocação das novelas de incorporar temas do âmbito público em suas narrativas teoricamente voltadas para o universo privado, como acrescenta Lopes (2003, p. 28) “Mas temáticas como essas nas novelas são inseparáveis das temáticas do romance, da família, do amor, do casamento, da separação”.

No decorrer dos seus mais de 50 anos de história, a televisão, principalmente por meio das telenovelas, mostra as vivências e mudanças da vida dos brasileiros. Como coloca Lopes (2003, p. 21): “[...], pois ela pode ser vista através de expressivo movimento pendular, tanto como uma vitrina de consumo (roupas, utensílios, casas, carros, estilos de vida, enfim) quanto um painel de temas sociais”.

A televisão possui uma atividade intensa na sociedade brasileira, pois reproduz as representações das desigualdades e discriminações. De acordo com Lopes (2003), são nesses pontos que os personagens são criados. Baseada nesses apontamentos, a autora afirma essa identificação do público com o veículo.

Os veículos de comunicação podem se tornar uma ferramenta importante de socialização e difusão de culturas. Parte-se do pressuposto de que as pessoas assistem à

televisão em algum momento. Esse pode ser um dos fatores que explica por que a telenovela possui tanta expressão social.

O autor narra à história através de seus personagens que realizam a ação proposta pelo autor, ao construir a história, descreve os personagens, o perfil de cada um, como eles são e qual o seu papel dentro da trama. A sociedade foi determinando os papéis das representações: masculina e feminina. Esses papéis são distribuídos conforme a representação social que os mesmos figuram na sociedade. Ao se consolidar essas características, tudo o que se oponha a isto, saindo dos padrões impostos, passa a ser considerado errado.

A presença, cada vez mais constante, de personagens homossexuais nas tramas pode ocasionar críticas por parte da audiência e da mídia. Considerando a telenovela como um ‘espaço público’, o autor Guilherme Fernandes (2012) diz que, para tornar pública a intimidade dos personagens, as relações de poder são inseridas nos conflitos familiares.

A teledramaturgia convida o público a realizar apontamentos sobre os dramas representados. Assim, não seria diferente em relação aos personagens homossexuais. Uma das premissas para a aceitação desses personagens na televisão é que eles existem na vida real e, conseqüentemente, aparecem na telenovela.

Como objeto de estudo deste artigo e para ilustrar questões referentes à identidade familiar foi escolhida a telenovela *Amor à Vida*⁵. O autor Walcyr Carrasco conta a história de Paloma (Paola Oliveira) que, após conhecer o hippie Ninho (Juliano Cazarré) no Peru, abandona tudo e viaja com o rapaz. Ao descobrir que estava grávida, Paloma decide voltar para a casa dos pais com a ajuda do irmão e vilão da história, Félix (Mateus Solano).

A família Khoury é o principal núcleo da história. Bernarda (Nathalia Timberg) é mãe de Pilar (Suzana Vieira) e não aceita as traições que o genro César (Antônio Fagundes) cometeu com sua filha no passado. Pilar não consegue ter uma boa relação com a filha Paloma. Já com Félix sua relação é de companheirismo. César é dono e presidente do hospital San Magno, onde Paloma e Félix trabalham como pediatra e administrador, respectivamente. Félix é um homem invejoso, que não aceita o fato do pai César dar mais atenção à irmã. Já pelo filho mais velho, o pai não tem tanto apreço. No próximo item será apresentada a relação familiar onde Félix está inserido – objeto de análise deste artigo.

⁵ Exibida pela Rede Globo de 20/05/2013 a 31/01/2014, com direção de núcleo de Wolf Maya e direção geral de Mauro Mendonça Filho.

Amor à Vida: análise de conteúdo, segundo Bardin

A proposta de análise teleficcional usada nesse artigo será pautada pelas considerações da autora Laurence Bardin (2010) em relação à ferramenta metodológica da Análise de Conteúdo. Nosso estudo ganha novas dimensões e a análise privilegia a telenovela em que o personagem homossexual está inserido no núcleo de protagonista. Com este recorte, encontramos na telenovela *Amor à Vida*, o personagem Félix (Mateus Solano). Duas sequências da telenovela serão analisadas para ilustrar as relações familiares do personagem, de acordo com o viés da Análise de Conteúdo.

Para analisar as duas sequências destacadas, será utilizado o método de Análise de Conteúdo. Segundo Bardin (2011, p. 32), a Análise de Conteúdo é um método empírico e depende do tipo de ‘fala’ e do tipo de ‘interpretação’:

Bardin (2011, p. 125) compreende a organização da análise de conteúdo em três polos cronológicos: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A pré-análise é a fase de organização propriamente dita e, se ocupa de três missões: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final”.

O segundo cerne descrito por Bardin (2011), a exploração do material, é realizada seguindo a técnica da análise categorial temática. A preparação do material foi composta pela escolha de duas sequências que apresentam os dois personagens. Após a transcrição dessas sequências, identificamos os principais diálogos que envolviam os personagens objetos da nossa análise.

As configurações familiares tradicionais vêm se alterando e modificando a cada dia, assim como as relações familiares e sociais. As famílias podem ser formadas a partir da união entre um homem e uma mulher ou pessoas do mesmo sexo, através de casamento ou união estável. Podem gerar descendentes ou não, independentemente da relação consanguínea. Para o autor Roberto DaMatta (2000, p. 26) “Até mesmo os animais domésticos podem incluir-se nessa definição, pois de fato participam do espaço positivo da residência, ajudando a conceituá-la de modo socialmente positivo ou negativo”.

A família também pode ser composta por mães solteiras, pais solteiros, avós ou avôs. Algumas vezes, a família pode ser constituída de um casal junto com os filhos de relações anteriores. Podemos considerar o ponto principal de uma família, a transmissão de valores, independentemente de sua forma constitucional, de acordo com DaMatta (2000).

Ainda no contexto das relações familiares, a autora Roberta Andrade (2003, p. 60) reitera “No mundo das telenovelas, as personagens passam por todos os tipos de calamidades como se fossem eventos normais da vida”.

Ainda conforme a autora, as telenovelas concentram-se nos altos e baixos das relações familiares. O mundo de fora da família é apresentado quase sempre ameaçador à ordem familiar que está sempre resistindo a ataques externos e internos. É esta estrutura da família que vai determinar a quais regras cada um de seus membros deve conformar. Nas telenovelas, as crises e tragédias se seguem tão rapidamente umas às outras que dificilmente podem ser comparados à vida normal, mas esta estrutura é ‘naturalizada’ nas telenovelas.

A trama abordou as relações familiares e amorosas, mostrando que a família parecia um modelo tradicional, idealizado ao longo dos anos pela sociedade, mas carregava segredos e dilemas pessoais. Sobre essa perspectiva, no livro *Telenovela, Consumo & Gênero*, a autora Heloísa Buarque de Almeida (2002) faz um paralelo entre os enredos familiares apresentados e a realidade do telespectador: em todos os casos, a telenovela é uma entrada para essa temática e facilita esse tipo de reflexão – e como comentei – isso acontece mesmo através de leituras variadas sobre os personagens. O que as novelas permitem é uma constante comparação entre o que vivem os personagens e as situações vividas pelos espectadores, facilitando o processo reflexivo.

Um dos dramas do clã Khoury foi à morte prematura do filho mais velho, Cristiano. Na sequência transcrita abaixo (*capítulo 164 – exibido em 26/11/2013*), César revela a história para Félix.

Félix: Cristiano. Esse nome te diz alguma coisa?

César: Cristiano. Você descobriu.

Félix: Descobri. Você e a mami acham que podem apagar a existência de uma criança. Apagar, assim, da face da terra.

César: O psiquiatra aconselhou que eu esquecesse. Sua mãe também, principalmente ela. Ele aconselhou que a gente tirasse os retratos da parede, que doasse as roupas para um orfanato, os brinquedos, a bola!

O autor criou o vilão ‘gay’, que não era declarado para a família no início da trama devido ao preconceito de seu pai. Na sequência escolhida (*capítulo 164 – exibido em 26/11/2013*), César rejeita o filho e mostra a preferência pelo primogênito.

César: O fato, Félix, é que eu adorava o Cristiano, eu adorava. Ele não teria crescido e se transformado no que você se transformou. Ele não seria gay.

Félix: Como é que você pode saber?

César: A gente sempre sabe, o gay é gay desde pequeno. Você sempre foi assim, sempre foi assim, fresco, cheio de vontades.

Félix: Crianças podem ter tremeliques, como você fala, podem gostar de bonecas e se tornar um homem. Um sujeito pode ser másculo e ser gay. Agora, desde o início você me apontou o dedo, você me pôs um rótulo. É isso que você fez, pai.

César: Tava errado esse rótulo? Você é gay. O Cristiano não, eu tenho certeza, ele seria macho, como eu. Seria um amigo, um companheiro, um filho, um companheiro pra todas as horas.

Para encobrir sua sexualidade, Félix se casou com Edith (Barbara Paz) e teve um filho, Jonathan (Thalles Cabral). O administrador esconde a sua real sexualidade devido ao preconceito da família e da sociedade. Com a incontestável rejeição do pai, Félix buscava no dinheiro uma satisfação pessoal, sendo capaz de prejudicar seus próprios familiares⁶.

A além de abordar a crise na família tradicional, a trama mostrou a inclusão da família não convencional, como as reconstituídas, ou no caso da novela a homoparental⁷, na sociedade atual. Com o objetivo de mostrar a existência das novas composições familiares o autor, Walcyr Carrasco, abordou a história do casal Niko (Thiago Fragoso) e Eron (Marcello Anthony), que queriam ter um filho por inseminação artificial e contratam uma barriga solidária⁸.

No início da telenovela, Félix que tinha sua identidade homossexual preservada e mantinha uma família conforme o modelo “adequado” socialmente. Ao discutir os novos tipos de família, pois Félix era um homossexual, que para estar de acordo com a sociedade – com valores morais preestabelecidos – teve que formar uma família no estilo “tradicional”. De acordo com Lopes (2003), uma das funções da telenovela é debater questões da vida pública e da vida privada. Ainda segundo a autora, as temáticas como essas nas novelas são inseparáveis das temáticas do romance, da família, do amor, do casamento, da separação. “É a lógica das relações pessoais, familiares, que preside a narrativa dos problemas sociais”. (Lopes, 2003, p. 28).

Posteriormente ao assumir a homossexualidade, Félix, construiu um novo arranjo familiar, a família homoparental.

⁶ Félix chega a sequestrar a filha recém-nascida de Paloma, que pensará que a garota morreu no parto e só a achará anos depois. O administrador não queria, no futuro, dividir a presidência do hospital com a sobrinha.

⁷ Muitas vezes utiliza-se o termo homoparentalidade, que foi cunhado na França, em meados dos anos 1990, por integrantes da Associação de Pais e Mães Gays e Lésbicas (APGL). Ainda que careça de uma definição mais específica, essa noção parece remeter-se à homossexualidade dos pais, mesmo reconhecendo que este é um universo bastante diversificado – pais/mães que se revelam homossexuais, homossexuais que decidem ser pais/mães, casais, pessoas solteiras. O termo tem sido incorporado por vários pesquisadores que se debruçam sobre a temática no Brasil atualmente. (GROSSI, 2006, p. 4).

⁸ Antigamente era conhecido como barriga de aluguel, pagava-se alguém para gerar o bebê, atualmente, a prática é considerada crime e por isso passou a se chamar barriga solidária.

Mas com uma das reviravoltas da trama, Félix acaba ficando pobre, sem apoio da família e amigos. O personagem acaba se redimindo de todo mal que fez à sua família, em especial a irmã Paloma. As mudanças por que Félix passou ao longo da trama fez com que ele formasse uma família ao lado do chef de cozinha Niko. Também é estabelecida uma relação de mais afeto com seu pai, o qual sempre o rejeitou que foi retratada na reta final da novela. A mudança do personagem pode ser vista na transcrição da sequência abaixo (*Capítulo 221 – exibido em 31/01/2014*).

Félix: Realmente, eu devo ter salgado a Santa Ceia pra você ter me transformado em pai de família.

Niko: Eu tenho os meus segredos, tá?

Félix: Ah, segredos...

Niko: Tenho que ir para o restaurante.

Félix: Ah não! Não! Fica mais um pouquinho, Niko.

Niko: Félix, o restaurante é novo. Eu preciso estar presente, né.

No que refere à configuração de novos arranjos familiares, um dos assuntos debatidos pelo autor, referente aos personagens Félix e Niko, foi o conceito embasado no amor entre seus membros e nos laços de afetividade que os une. Uma nova família que deixa para trás o modelo proposto como padrão.

Considerações Finais

Podemos concluir que a novela atualizou o discurso sobre as novas famílias no momento em que trouxe também a discussão sobre a homossexualidade através do personagem Félix, criado para referenciar as modificações dos padrões sociais e familiares. O personagem homossexual reafirma essas mudanças no momento em que assume sua real identidade. A liberdade sexual passa a ser encarada como elemento de transformação e composição não só do personagem, como também passa a caracterizar os fatores de mudança nos padrões familiares, pois no momento em que a sociedade passa a ter uma maior liberdade sexual, criam-se expectativas além do padrão.

O autor Walcyr Carrasco, ao mostrar o preconceito de um pai homofônico, também provocou a análise de como a identidade social e também homossexual deste indivíduo passou a ser construída e quais fatores eram constantes em sua composição. Uma identidade marcada pela falta de afetividade paterna e uma homossexualidade vivida em meio ao preconceito e discriminação. A abordagem das novas relações familiares tem um importante papel social. Debater esse tema permite a reflexão e, até, possíveis mudanças de posturas daqueles que ainda enxergam a homossexualidade como algo errado.

A família homoparental, assim como a monoparental ou a reconstituída são arranjos estabelecidos de acordo com as necessidades de cada relação e de cada indivíduo. A telenovela não quis mostrar que a homossexualidade seria uma ameaça à família ou a sociedade, mas é uma questão que busca uma adequação aos valores construídos ao longo dos anos.

Assim como a telenovela, o presente artigo proporcionou o entendimento de como a sociedade está constantemente em processo de mudança, cujos padrões e valores vão sendo estabelecidos ao passo em que a diversidade de cultura, de crenças e de saberes conquistam mais espaço. As identidades passam a ser formadas de acordo com as necessidades de cada relação, produzindo assim uma atualização do conceito.

Diante de uma cultura midiática, a telenovela aparece como um gênero essencial para compreensão de como a mídia apropria-se das representações sociais e as veicula para o seu público. Além do mais, a novela ajuda a suscitar o debate ao mostrar como os problemas e dilemas cotidianos são encarados pela indústria midiática, fazendo com que a sociedade busque e cobre soluções para as diversas questões emblemáticas que estão ao seu redor.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Roberta Manuela Barros. **O fascínio de Scherazade: usos sociais da telenovela.** São Paulo: Annablume, 2003.

ALENCAR, Mauro. **A Hollywood brasileira: panorama da telenovela no Brasil.** Rio de Janeiro. Senac Rio 2º edição, 2004.

ALMEIDA, Heloisa Buarque. **Telenovela, consumo e gênero.** São Paulo. Edusc. 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo. Almedina Brasil. 2011.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauro. Edusc, 2001.

FERNANDES, Guilherme Moreira. **A representação das identidades homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: uma leitura dos personagens protagonistas no período da censura militar à televisão, 2012.** Trabalho de conclusão de curso (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012. Disponível em: http://www.ufjf.br/ppgcom/files/2013/08/Guilherme_Fernandes.pdf. Acesso em: 19 ABR 2015.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminina. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e Impasses: o feminino como crítica da cultura*. Rio de Janeiro. Rocco. 1994.

GROSSI, M. P. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, p. 1-18, 2010. Disponível em:
www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf. Acesso em: 12 JUL 2015.

_____. Conjugalidades e Parentalidades de Gays, Lésbicas e Transgêneros no Brasil. In: *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(2): 248, maio-agosto/2006.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil Antenado: a sociedade da telenovela**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. Comunicação e educação**. São Paulo, 2003. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/37469/40183>. Acesso 21 mar. 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

SZYMANSKI, Heloisa. Teoria e teorias de famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo B. de. (org.). **A família Contemporânea em Debate**. 7. Ed. São Paulo: EDUC/ Cortez, 2006.